

Sebastopol

Patrocínio:



GOVERNO
FEDERAL

EMILIO FRAIA

Sebastopol

Três contos

ALFAGUARA



Copyright © 2018 by Emilio Fraia

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Elaine Ramos

Preparação

Fernanda Villa Nova de Mello

Revisão

Angela das Neves

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Fraia, Emilio
Sebastopol : três contos / Emilio Fraia. — 1ª ed.
— Rio de Janeiro : Alfaguara, 2018.

ISBN 978-85-5652-076-0

1. Contos brasileiros I. Título.

18-19591

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.3

Maria Alice Ferreira – Bibliotecária – CRB-8/7964

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/alfaguara.br

instagram.com/editora_alfaguara

twitter.com/alfaguara_br

DEZEMBRO

Se pudesse escolher, eu não voltaria a isso de jeito nenhum. Mas hoje aconteceu de novo. Assistindo ao seu vídeo, fui arremessada para dentro da história mais uma vez. É por isso que te escrevo agora. Os últimos tempos não foram fáceis. Os acontecimentos, quando penso, são como as ataduras, algo que cansei de enrolar e desenrolar com o maior cuidado possível. Mas nunca é o bastante. Sei que estamos em 2018, mas a minha impressão é de ter vivido esses anos todos sem ter vivido nada. Como se eu acordasse, despenteada, meio envelhecida, e alguém chegasse para mim e me dissesse: Lena, bom dia, bem-vinda a 2038. Ou, duvidando da minha sanidade, me perguntassem: você costuma sonhar muito, Lena? Eu diria: pouco. E há cinco anos, antes do acidente, eu sonhava ainda menos. Mas Gino gostava de saber dos meus sonhos.

Algumas noites ele me colocava sentada na frente da câmera e me pedia para contar um sonho, um sonho qualquer de que você se lembre. Eu dizia a ele o de sempre, que não costumava sonhar, ou melhor, que eu nunca me lembrava dos meus sonhos. Gino insistia e, enquanto eu tentava pensar em algo para não decepcioná-lo, ele fazia perguntas sobre a minha vida, meu passado, meus pais, amigos, os caras com quem eu tinha dormido.

Certa vez, Gino apareceu em casa e me mostrou um desses vídeos. Era a minha voz sobre imagens que ele havia captado. Montanhas, geleiras, o vento numa paisagem desértica. Eu falava sobre coisas banais, eram relatos da minha vida, mas o jeito como ele montava aquilo dava a impressão que o que se narrava ali era, na verdade, um sonho. A verdade é que as pessoas se aborrecem ouvindo sonhos alheios, ninguém tem a menor paciência. Por isso eu não gosto de contar os meus sonhos.

Talvez eu esteja me precipitando. Mas o seu vídeo, o vídeo a que assisti hoje, tinha algo disso. Fez com que eu pensasse em Gino, nas suas experiências

com a câmera, comigo sentada durante longos minutos, falando e falando. Havia algo parecido, o ritmo, o tom talvez. Mas sei que é mais uma impressão, porque ao mesmo tempo era tudo diferente também. Quando entrei naquela sala hoje, o filme já estava passando. Não dava para saber se estava no início ou pela metade. A imagem na tela, a de um corpo numa maca — o meu corpo, no caso —, me capturou instantaneamente. Era um corpo no meio de uma sala verde com cheiro de urina e remédio. Eu me via ali, deitada, a milhares de quilômetros de casa e, por mais que quisesse e tentasse, não conseguia pensar direito. Não podia me mover.

Do que veio antes, o resgate em si, não me lembro de nada, embora eu tenha permanecido desperta boa parte do tempo. Só sei do que me relataram depois, e que tive sorte porque aquele era um trecho onde os helicópteros ainda podiam chegar, o que é raro, o socorro é sempre difícil, e todos os anos dezenas de pessoas morrem na montanha.

Ao redor da maca, o médico deslizava feito um réptil. Era magro, com algo que se assemelhava a uma ferida, um corte no lábio superior. Tinha um aspecto frio, um ar importante. Dizia a meus companheiros que meu quadro era delicado e que eu precisaria ser operada novamente. Eles falavam ao mesmo tempo, tentavam se entender e às vezes discutiam como se eu já não estivesse ali.

Voltei para São Paulo num voo da madrugada, uma manobra que envolveu o governo brasileiro e o do Nepal, tudo arranjado graças à influência dos

meus patrocinadores na época. Assim que aterrissei, em pouco tempo, fui submetida a uma nova cirurgia e outra ainda e, quando aquilo parecia não ter fim, tive a impressão de que meses haviam se passado. O corpo pesado, um sono profundo: meses, mas que talvez fossem horas, minutos, anos?

Esse é um daqueles casos em que não temos escolha, alguém me disse, em algum momento, com a mão sobre a minha — não temos escolha a não ser fazer o que deve ser feito, você entende? Então eu pensei ver Gino, o rosto dele, pairando sobre o meu.

Mas gostaria de voltar ainda mais um pouco.

Em dezembro de 2012, seis meses antes do acidente, eu estava em casa, tomando suco de tomate e vendo TV, com uma dor de garganta terrível. Por causa dos treinos, minha resistência às vezes despencava. Eu me sentia fraca e lembro de passar muito tempo desse jeito, tomando suco de tomate, a TV ligada num daqueles filmes de ação dos anos 90, que para mim tinham sempre o Wesley Snipes ou um avião, um caça, pronto para atravessar os vidros espelhados de algum arranha-céu.

De repente meu celular tocava. Era a Mari. Ela perguntava como eu ia, como iam os treinos, se

eu me sentia preparada. Sentir-se preparada. Do outro lado da linha, eu repetia isso — sentir-se preparada — e então dizia a ela que estava tudo meio estranho. Eu precisava dar um up, ficar logo cem por cento. Porque faltava pouco. Em pouco tempo eu estaria enfrentando o maior desafio de todos, eu falava assim, eu costumava falar assim. Eu me sentia ansiosa. E precisava estar tranquila. Eu me sentia fraca. E precisava estar forte. Então ela me dizia que estava pensando em reunir o pessoal na casa da praia. Perguntava se eu não queria ir com eles. Seria bom pra mim. É dezembro. O verão vem chegando, as noites têm um vento doce.

Mesmo que isso não ajude em nada agora, mesmo que eu esteja me desviando do assunto, o que não é bem verdade, porque no fundo os desvios não existem, acho importante falar dessa ida à praia com meus amigos. Pensar no meu espírito naqueles dias. Pensar em como as coisas eram antes.

Não foi uma viagem muito diferente das tantas que fiz com o Téo, a Mari e os outros. Mas foi a última. Daquele jeito, com aquelas pessoas.

Era bom passar horas com a Mari na varanda, por exemplo, jogando conversa fora, observando o mar, onde nunca acontecia nada, quando muito algum barco, um vendedor de sorvete, catadores de marisco. As ondas eram todas iguais, nem fracas nem fortes. Lá pelas três, eu me lembro, o Cao entrava e começava a preparar algo para a gente comer. Ele sumia para a cozinha, depois voltava, trazendo

os copos, sumia e depois voltava, a pilha de pratos. Quando eu pensava garfo, ele surgia com um pote de açúcar, de olhos fechados eu me concentrava, guardanapo, salada de tomate, e a mesa da varanda se cobria de pão, colher, jarra de suco. Eu nunca adivinhava e, lá na frente, os outros começavam a chegar. O Téo, que estendia a bermuda numa pedra, a Lóli, segurando os chinelos cor-de-rosa, morta de fome. Eles se revezavam na ducha do jardim, rindo, falando que a ducha estava quente, que a ducha estava fria, que o mar estava ótimo, que as gaivotas ficavam na parte deserta, do outro lado, que a Mari era louca, ficar torrando daquele jeito, naquele sol.

Mas isso tudo ficou para trás, eu penso agora. E é uma coisa que ainda me impressiona. O fato de que as coisas não voltam. Pessoas, lugares. Nada disso vai voltar. Você me entende?

Numa imagem do seu vídeo, eu me via deitada no quarto da casa da praia, escutando vozes e risadas do lado de fora, líquidas, misturadas às ondas, os outros que acordavam perto das dez, e o Téo, bastava o sol entrar, ele não conseguia ficar na cama, levantava sem dizer nada, pegava a prancha e saía pro mar. Enrolada no lençol, eu desistia

de dormir. Ficava olhando para o teto, quase sem respirar, como se estivesse pendurada numa corda a não sei quantos mil metros de altura, oscilando entre o vazio e uma sensação parecida à dos dias de aclimatação, o tempo dedicado a nos acostumarmos com cada etapa da subida, e cada etapa é diferente, era o que o Gino me dizia, o que eu lembrava de ele me dizer, qualquer montanhista sabe que o mais difícil é descer, ele dizia, mas às vezes isso não é suficiente; eu me lembrava dele contando a história do dia em que Peter Hillary, filho do famoso Edmund Hillary, seguindo os passos do pai, alcançou o cume do Everest e de lá fez uma ligação para o velho escalador: pai, estou no topo, ao que Edmund teria dito: ótimo, você está no topo, mas agora você precisa descer.

Gino contava isso sorrindo, e eu quase podia vê-lo. Era como se ele estivesse ali, no quarto da casa da praia, e era como se eu ouvisse sua voz — era como se ele habitasse aqueles dias na praia, como se, apesar do Téo, ele estivesse comigo todo o tempo.

A brisa rebatia nas paredes, fazia inflar o forro das cortinas. Eu sentia calor, frio, minha pele tremia, e aquelas cenas não paravam de se desenrolar, como ataduras se descolando dos machucados, ou como as cabines de um teleférico numa estação de esqui, passando, passando, uma atrás da outra: a sala de estar de um alojamento no caminho para o acampamento-base do Everest, com Gino colocan-

do as botas para secar em cima de um aquecedor alimentado por estrume de iaque; Gino meditando; Gino tomando tang quente numa caneca de alumínio em frente a um mural com fotos de xerpas e turistas em cumes como os do Ama Dablam, a montanha mais linda do mundo.

Você deve saber, claro. Gino mexia com vídeo, era fotógrafo e sócio de uma produtora. Tinha nascido numa cidadezinha na Itália cujo nome nunca guardei e vindo para o Brasil na adolescência, por conta do trabalho do pai, que era engenheiro. Ele era quase vinte anos mais velho do que eu. Tínhamos nos conhecido em fevereiro de 2011, no aniversário de um amigo e, cerca de dois meses depois, nos esbarramos de novo numa situação que qualquer um poderia chamar de inusitada e irreal porque afinal de contas era isso mesmo. Era a minha primeira expedição ao Everest e lá estava ele, com uma equipe, na montanha. Gino aparecia num ponto relativamente tranquilo, a quase quatro mil metros, próximo ao campo-base. Meu pessoal e eu interrompemos a subida, uma das tantas aclimações que fizemos naquela temporada, e ficamos observando aquele grupo com as câmeras